



GT 061. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Renata de Castro Menezes (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, Rodrigo Toniol (Unicamp) - Coordenador/a

O crescimento da literatura das ciências sociais dirigida às materialidades, objetos e coisas é fato notório. Nas últimas décadas, a diversificação de abordagens teórico-metodológicas mobilizadas pelo tema tem se refletido na consolidação do que já é quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é dar sequência às discussões levadas a cabo nas três ocasiões anteriores, nas RBAs, e reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo e controverso na relação com a religião? Estatuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em formas sensoriais diferenciadas da experiência com o sagrado?

Objetos sagrados nos ritos tecnológicos

Autoria: Andreia Vicente da Silva

Assistindo aos cultos de domingo de algumas Igrejas Assembléia de Deus em Toledo, no Paraná, percebi que seus ritos são extremamente tecnológicos. Projetores, telões, instrumentos musicais eletrônicos, microfones, amplificadores, redes de wifi e celulares podem ser vistos tanto nos momentos de louvor quanto durante a leitura bíblica e a pregação. Alguns destes objetos permanecem fixos no templo enquanto outros são trazidos pelos próprios fiéis que vem para os cultos. No entanto, mesmo diante da aparente pluralidade de tecnologias, percebemos que existem certos limites para a convivência e a substituição das mídias sagradas tradicionais pelas inovações tecnológicas. A partir de dados de campo e de debate bibliográfico impulsionado pelo conceito de formas sensoriais e de ritual proponho refletir sobre a seguinte questão: por que certas novas mídias são aceitas contemporaneamente como componentes do culto e identificadas com o sagrado, ao passo que outras são questionadas e até refutadas? A questão torna-se relevante já que envolve relações entre os fiéis e aqueles objetos tradicionais que já se apresentam consolidados nos ritos e identificados com o sagrado - como por exemplo, a bíblia e a harpa cristã -, como também o uso das novas tecnologias que estão em um processo constante de negociação no universo religioso. De toda forma, a substituição, inovação ou manutenção dos objetos sagrados no culto pentecostal deve ser pensada destacando-se também a dinâmica entre a formalidade e a informalidade, entre a espontaneidade e o padrão, entre a criatividade e a repetição. Portanto, nesta comunicação pretendo explorar de que forma alguns objetos sagrados tradicionais que são utilizados nos rituais pentecostais da Igreja Assembleia de Deus em Toledo, no Paraná, estão convivendo, sendo desafiados ou substituídos por novos suportes tecnológicos. Como pretendo argumentar, estes processos se desenrolam a partir da criação de consensos coletivos mínimos que envolvem elementos cosmológicos, rituais e hierárquicos.



Realização:



Apoio:



Organização:

